

O POETA E O MAR

27-2-66

Rubem Braga

O LEITOR que me desculpe ficar falando de esgotos, tema vil. Mas é que o tenho sob os olhos; olhando a maravilhosa paisagem para o lado dos Dois Irmãos não posso deixar de ver a mancha de sujeira no azul do mar, na ponta do Vidigal. O tema já seduziu — ou melhor, obsecou — o poeta Vinicius de Moraes, no tempo em que morava no Leblon. Vinicius fez uma série de crônicas sobre o assunto («que é isso, poeta?» — perguntavam as fãs acostumadas ao seu lirismo) e até em um poema de amizade que me mandou para a Itália, durante a Guerra, referiu o «cocô boiando» no Leblon.

A solução que se estuda, segundo a carta do comandante Paulo Moreira da Silva, é lançar o esgoto a quatro milhas da costa, obra caríssima. Ele me consola dizendo que os fosfatos e nitratos do esgoto aumentam a população de peixes... Isso me faz lembrar o vexame que dei em um almoço, em uma rica e velha fazenda do interior de São Paulo, quando foi servido o prato de honra — um mandi! Não comi, nem sequer provei; do fundo de minha infância veio aquela aversão invencível a esse peixe de boca de esgoto, que em minha terra ninguém come.

Pode ser que mandi do Itapemirim e mandi do Piracicaba sejam dois peixes diferentes, embora da mesma família: no Itapemirim não há mandi daquele tamanho. Mas a lembrança dos hábitos da família me inibiu; em minha terra comer mandi é um verdadeiro tabu. Se tem ou não alguma base científica é o que não sei. A hipótese não é tão absurda assim: li, há tempos, que a ocorrência de uma perigosa doença, em uma cidade dos Estados Unidos, só pôde ser combatida quando se descobriu que ela era propagada pelos moluscos apanhados no mar junto à saída dos esgotos da cidade.

Seria tolo pedir que, antes de fazer esse esgoto submarino, se estudasse uma outra solução? É verdade que lançar os detritos a quatro milhas da costa é bem melhor que jogá-los, como agora, junto à avenida Niemeyer, um dos lugares mais bonitos do Rio. De qualquer maneira é triste que se tenha de sujar o mar. Compreendo a indignação do poeta Vinicius: o mar é, para todos nós, um símbolo de pureza, de força primitiva, de liberdade. Ele nos faz bem ao corpo e à alma: pela manhã ele nos limpa de todos os pecados da noite, dando ao corpo e à alma um tonus novo de energia e purificação. Sujar o mar é um pecado inconcebível...